

Contos Gauchescos e Dublinenses: um cotejo (im)possível?

*Contos Gauchescos and Dublinenses: a (im)possible
collation?*

Sabrina Siqueira¹

Luciane de Lima Paim²

Resumo: Este trabalho propõe analisar ocorrências de violência e as diferentes abordagens do tema em algumas histórias de *Contos Gauchescos* e de *Dublinenses*, dos autores Simões Lopes Neto e James Joyce, respectivamente publicados em 1912 e 1914. Em *Contos Gauchescos*, percebe-se a violência como aspecto intrínseco da personalidade do gaúcho típico, sempre pronto para uma “peleia”. Em *Dublinenses*, observa-se um tipo de violência que frequentemente emerge da opressão e repressão familiar e social. Esta última, relacionada ao catolicismo exacerbado, que dita as relações sociais e oprime o cidadão, reflete-se em crise cultural e de valores na sociedade irlandesa do final do século XIX. O diálogo com a História estabelecido neste estudo, mais do que produtivo, mostrou-se um desdobramento necessário para uma análise e leitura dos contos mais adequada.

Palavras-chave: Contos; *Contos Gauchescos*; cotejo; *Dublinenses*; literatura comparada.

¹Mestre em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria – Brasil. Doutoranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria – Brasil. E-mail: sabrinasiqeur@yahoo.com.br

²Mestranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria - Brasil. E-mail: lucianelettras15@gmail.com

Abstract: This work proposes to analyze occurrences of violence and the different approaches to that theme in *Contos Gauchescos* and *Dubliners*, by Simões Lopes Neto and James Joyce, respectively published in 1912 and 1914. In *Contos Gauchescos* we see violence as an intrinsic aspect of the gaúcho's typical personality, that is always ready to a fight. In *Dubliners*, there is another kind of violence, not always the physical one. It is the oppression from racking Catholicism dictates social relations and oppresses the citizen, resulting on cultural crisis and values in the Irish society from the end of century XIX. The dialogue we maintained with History, proved to be more than fecund – it was a pertinent way to achieve a better analysis and reading of the short stories.

Keywords: Short story; *Contos Gauchescos*; comparative approach; *Dubliners*; comparison literature.

O escritor gaúcho João Simões Lopes Neto é geralmente associado ao regionalismo, que se manifestaria em sua obra marcadamente no linguajar sul-rio-grandense, além das temáticas e ambientação, que contam sobre a vida no Estado durante o século XIX. James Joyce, em contrapartida, dificilmente seria classificado como um escritor regionalista. No entanto, o conjunto de sua obra é marcado pela presença de sua terra natal, a Irlanda, e em especial a capital, Dublin, que é cenário de romances como *Retrato do artista quando jovem* e do clássico *Ulisses*. Os livros de contos dos dois autores são contemporâneos (*Contos Gauchescos* foi publicado em 1912 e *Dublinenses* em 1914) e iluminam o lugar de origem de seus autores já no título.

Além da presença da terra natal dos escritores e da contemporaneidade de publicação, as histórias pertencem ao gênero conto, sendo que podem ser lidas tanto de forma independentes dentro das obras quanto numa suposição de vínculos: no caso de *Contos Gauchescos* o vínculo seria a presença de Blau Nunes como narrador e protagonista, e em *Dublinenses*, a representação das etapas da vida de um cidadão: indo da perda da inocência na juventude à epifania da constatação de seu papel no mundo durante a maturidade. Os dois livros contam sobre um determinado povo: gaúchos e dublinenses, mas há certos aspectos que alcançam uma dimensão maior.

Entre as diferenças das duas obras, podemos apontar o cenário em que as narrativas tomam forma. Em *Contos Gauchescos*, prevalece o cenário rural, com cidades ainda restritas à categoria de povoados em formação. Enquanto que *Dublinenses* conta sobre indivíduos que transitam em uma capital cosmopolita e bem estruturada do ponto de vista de comércio, rede de transportes e organização da estrutura urbana. Cabe ressaltar que a violência, fator intrínseco aos contos dos dois sistemas literários, é explorada de formas distintas.

Considerando o campo de estudos da literatura comparada como espaço privilegiado para pesquisar as inter-relações em variadas formas de expressões, e a ênfase da disciplina em aproximar as alteridades, observa-se que as obras analisadas oferecem características importantes que permitem interpretar o local e o universal. Rita Terezinha Schmidt, em artigo publicado na décima primeira edição da Revista Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) afirma que

[...] a diferença, como categoria analítica, constitui o traço mais significativo do fazer comparatista, no melhor de sua tradição de pesquisa, pois fundamenta o conhecimento interpretativo das (inter)relações entre o próprio e o alheio. [...] Nesses termos, poderia se dizer que o reconhecimento daquilo que nos é alheio permite identificar aquilo que nos é próprio. (SCHMIDT, 2007, p. 28)

Tania Franco Carvalhal concorda que é a diferença que permite a inserção no universal: “comparar é contrastar” (Carvalhal, 1992, p. 77). Já Henry Remak atenta para o fato de que um estudo comparado deve ser feito em nível global das obras analisadas, e não comparações engessadas por regras de pouca ou nenhuma aplicabilidade prática.

Um estudo de literatura comparada não tem que ser comparativo a cada página ou a cada capítulo, mas o propósito, a ênfase e a execução globais devem ser comparativos. A verificação do propósito, da ênfase e da execução requer igualmente o julgamento objetivo e o subjetivo. Portanto, não se pode e nem se deveria estabelecer regras rígidas além desses critérios. (REMAK, In: CARVALHAL e COUTINHO, 1994, p. 185)

O cotejo entre as obras visa situá-las histórica e culturalmente em relação uma à outra, iluminando pontos de convergência e dessemelhança, uma vez que foram escritas por autores de sistemas literários distintos. A violência é entendida em ambas “como construção material e histórica. Não se trata de uma manifestação que seja entendida fora de referências no tempo e no espaço” (Ginzburg, 2012, p. 8). Escritas no mesmo período histórico e tendo a primeira publicação com apenas dois anos de intervalo, as obras nos mostram as diferenças de desenvolvimento de duas regiões que, aparentemente, não teriam nada em comum. Podemos pensar nas duas localidades, Rio Grande do Sul e Irlanda (tomada metonimicamente por Dublin) como protagonistas de “contextos violentos, em processos históricos destrutivos” (idem, p. 13) que serão investigados a seguir. As narrativas transparecem a crítica social feita pelos escritores, que estavam em diferentes faixas etárias, o que nos leva a inferir que estivessem também em diferentes estágios de maturidade. Para Ginzburg (2012) “poderíamos elaborar a hipótese de que a propensão constante à violência indica uma dificuldade [...] de resolver problemas de modo pacífico” (idem, p. 13).

Para a filósofa política Hannah Arendt, a violência sempre fez parte das ações humanas. “Ninguém que se dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas...” (Arendt, 1985, p. 5). Para a autora, mesmo a paz seria a continuação de um estado de conflito através de outros meios. Pode-se entender facilmente essa conceituação utilizando a metáfora das relações comerciais e políticas, que nem sempre culminam em conflito armado, mas se utilizam, por vezes, de estratégias de embates no campo das ideias. Ginzburg (2012) considera que as circunstâncias históricas que envolvem as obras analisadas são fundamentais. Na esteira deste pensamento, faremos um breve apanhado da história que antecedeu o período de escritura dos contos como

tentativa de localizar a influência desses acontecimentos reais nos cenários e justificar a abordagem de violência nas narrativas.

O Rio Grande do Sul vivenciou diversas batalhas e revoluções ao longo de sua formação. Estado fronteiriço com outros países, esteve sob disputa de portugueses e espanhóis. Mesmo depois da independência do Brasil, foi cenário de revoltas entre os moradores locais e o restante do império, além das guerras civis que dividiram grupos políticos opositores, como “maragatos” e “chimangos”. Essa tendência bélica se reflete na personalidade do morador do sul, que também precisava ser forte e bravo para enfrentar as intempéries do tempo, pois a tradição econômica do gaúcho é o trabalho com agropecuária, expondo seus praticantes às diferentes condições climáticas e exigindo deles tenacidade na lida com os animais³. Pensando no quanto esses fatos históricos interferiram na formação da identidade do gaúcho, o pesquisador João Luis Ourique questiona a aceitação passiva da tradição do gaúcho “peleador” e sugere, assim como outros estudiosos, que existe algo de preconceituoso na exaltação desse tipo valente, sempre pronto a honrar seus valores por meio da violência e que incorporou a guerra ao seu cotidiano.

A falta de debate e questionamentos sobre [os] fenômenos sociais que contribuem para a formação de identidades, constituindo-se em uma síntese de valores plenos e inquestionáveis que garantem a sua autopreservação em função dos ‘passaportes morais’, acaba por cobrar o preço da passagem: o da aceitação passiva dos ideais da tradição e do conservadorismo sem nem ao menos serem cogitados os preconceitos incrustados nas práticas cotidianas.

A exaltação do gaúcho adequou-se a essa realidade. A força exercida pela tradição e preservação de valores culturais com base em temas folclóricos que resgatam atitudes conservadoras em função de aspectos moralizadores de conduta acaba por encobrir atitudes preconceituosas

³ Érico Veríssimo alude a essa tendência “belicosa” do gaúcho ao retratar seu Capitão Rodrigo, em O Continente I. A primeira fala da personagem é um cumprimento aos presentes no bolicho de Santa Fé, em que mistura intimidade com os instrumentos de batalhas, bom humor e atrevimento: “Buenas e m’espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!” (VERISSIMO, 1994, p. 171).

contrárias à inclusão e ao respeito às diferenças, desde culturais até de gênero. (OURIQUE apud UMBACH; CALEGARI, 2012, p.101)

Concordamos com Ginzburg (2012) ao argumentar que “somos desafiados a ter senso crítico para não aderir à abordagem preconceituosa de legitimação da agressão exposta pelo narrador” (p. 22). Os contos de Simões Lopes Neto estão inseridos nessa fase de formação da personalidade do gaúcho valentão e em quase todas as histórias de *Contos Gauchescos* a violência marca presença, seja a violência física, a intolerância com forasteiros ou o papel de submissão a que são relegadas algumas figuras femininas.

O conto mais representativo da banalidade da violência nas relações sociais do gaúcho, em meados do século XIX, é *O negro Bonifácio*. Nessa história, tem-se um conflito deflagrado sem um motivo sério. E logo surgem facas e outros instrumentos no conflito: os mesmos objetos que também eram usados na lida campeira, como boleadeiras. Preterido pela amante, Bonifácio inicia uma briga e “contamina” outros presentes que tinham “contas a acertar” com o protagonista. Já no início do conto, sabemos que ele destacava-se pela valentia: “... Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!” (Lopes Neto, 2001, p. 24). Bonifácio estava imbuído do que Hannah Arendt chamou de “vigor” em uma diferenciação quanto ao termo “poder”, ou seja, força e independência de uma pessoa individual, o que geralmente leva seu possuidor a ser hostilizado pelo grupo. Bonifácio cultivava vários desafetos, que estão presentes no ambiente em que se dará a confusão. Até a água que estava fervendo para o chimarrão serviu como arma. O narrador aponta a “belicosidade” do protagonista positivamente, como mostras de virilidade e coragem.

Fechou o salseiro. O Nadico mandou a adaga e atravessou a pelanca do pescoço do negro, roçando na veia artéria; o major tocou-lhe fogo, de pistola, indo a bala, de refilão, lanhar-lhe uma perna... o ventana quadrava o corpo, e rebatia os talhos e pontacos que lhe meneavam sem pena. (LOPES NETO, 2001, p. 28-29)

Mesmo as mulheres tomam parte na “peleia”. Tudinha, que motivou o malogro, é quem arremata a cena de violência, esfaqueando Bonifácio, depois que este já se encontrava morto. “...a morocha [...] saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte...” (p. 30).

Além dos contos que remetem a guerras reais, como *Chasque do imperador*, *Os cabelos da china*, *O anjo da vitória* e *Duelo de Farrapos*, há menção a conflitos cotidianos que são resolvidos recorrendo-se à violência em *No manantial* e em *Contrabandista*. Nesse último, o protagonista, Jango Jorge, se coloca em situação de perigo e em atividade que flerta com a violência ao escolher/ter de passar a vida trabalhando com o comércio de contrabandos e ao final é morto pego em flagrante pela guarda, com quem os companheiros de Jango tiveram de brigar para recuperar o corpo e levar à família que o aguardava com o vestido de noiva da filha. O conto também traz uma crítica ao monopólio dos produtos e ao alto valor dos impostos decretados pela monarquia, estimulando o contrabando entre gaúchos e castelhanos, principalmente depois da Guerra do Paraguai.

Em *Duelo de Farrapos*, a narrativa de Lopes Neto faz menção à Revolução Liberal de 1842, em que o Partido Liberal contestava a ascensão ao poder do Partido Conservador, e cita as figuras históricas do general Bento Gonçalves e do barão Caxias. A Guerra dos Farrapos está em *Os cabelos da china*. Neste conto, uma sutil crítica à superficialidade da guerra, em que emboscadas eram empreendidas para vingar a honra de um capitão que perdeu uma “china” para um comandante opositor. Blau Nunes, protagonista/narrador de *Contos Gauchescos*, contando sobre sua participação nessa guerra, constata que algumas ordens dos superiores pareciam não fazer muito sentido aos ordenanças:

Na guerra a gente às vezes se vê nestas embretadas, mesmo sendo o mais forte, como éramos nós, que bem podíamos até correr a

pelego aqueles camelos... mas são coisas que os chefes é que sabem e mandam que se as aguente, porque é serviço... (LOPES NETO, 2001, p. 76)

Voltando-nos para o passado histórico da Irlanda, a História narra a grande fome de 1845 a 1849, a qual representou um choque social que entrou para a memória popular, sendo um dos pontos mais lembrados pelos movimentos nacionalistas irlandeses. A causa foi uma doença que contaminou as batatas em toda Europa, em 1840. Vinte e nove por cento da população irlandesa teria perecido. Para entender a conjuntura política em que se deu essa crise é preciso remontar ao Ato de União de 1800, que governava a Irlanda e a tornava integrante do chamado Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. O poder executivo irlandês era apontado pelo governo britânico. No Reino Unido, vinte e oito representantes irlandeses eram escolhidos para cargos vitalícios na Câmara dos Lordes, dos quais a maioria era formada por donos de terras na Irlanda, que também compunham a minoria protestante do país. Vivendo na Inglaterra, eles exploravam suas plantações na Irlanda, pagando miseravelmente aos trabalhadores do campo, e transferiam o lucro para o país onde residiam, ou seja, a Inglaterra. As relações difíceis entre os dois países, que viriam a dar origem ao grupo revolucionário IRA (Exército Republicano Irlandês), aumentaram enormemente em função da continuidade de exportação de alimentos (grãos e gado) para a Inglaterra enquanto milhares de pessoas literalmente morriam de fome na Irlanda. A época que precede a escritura de *Dublinenses* foi caracterizada por um intenso sentimento de mágoa da parte irlandesa católica empobrecida contra o vizinho inglês protestante e abastado.

A família Joyce chegou à miséria e, anos depois da crise causada pela ferrugem da batata, passou fome devido a outras causas, como o alcoolismo do pai e sua conseqüente falta de habilidade em tocar os negócios. Na biografia que escreve sobre o autor, a irlandesa Edna O'Brien aponta que "as brigas, as mortes (de irmãos), a fome, a constante falta de dinheiro haviam sido sua amarga educação, e levaram ao desdém pela família e pelo país" (2001, p. 20).

Ter decaído no mundo era um golpe amargo, pois fora privado dos luxos da vida e roubado da estima dos antigos amigos. A vergonha de ser pobre cala fundo na psique irlandesa. Apenas cinquenta anos haviam passado desde os tempos de fome endêmica, quando as famílias preferiam fechar as portas a deixar que o mundo as visse morrer de inanição (O'BRIEN, 2001, p. 36-37)

A violência que perpassa os contos em *Dublinenses* é representada não necessariamente por conflitos físicos, mas, muitas vezes, violência simbólica, contenção de sentimentos e solidão. Relações marcadas pela opressão do não dito, pela falta de coragem de romper com a tradição e por ressentimentos. Essa violência seria principalmente fomentada pela organização social, influenciada pelos costumes católicos, para com a comunidade. Tal condição se refletiria na falta de perspectiva de mudanças. A opressão vivida pelas personagens de *Dublinenses* advém de dois fatores, principalmente: a influência da igreja católica na sociedade e o alcoolismo, que estão presentes na maioria dos contos de James Joyce.

O convencionalismo das tradições oprime os indivíduos em *Dublinenses*. Em *A casa de pensão*, antes de tirar a limpo o assunto da honra da filha com o pensionista Doran, a sra. Mooney pensa que ainda terá tempo de ir à missa do meio-dia e sabe que terá “todo o peso da opinião pública a seu lado” (Joyce, 2012, p.60). Nessa narrativa, a vítima é o sr. Doran, seduzido pela esperta Polly, que conta com o peso das tradições e o valor dos costumes para garantir o arranjo de um casamento. Ainda que não fosse uma pessoa ingênua, ele vê-se enredado pela “moral e bons costumes”. A sra. Mooney se refere à conversa que terá com o futuro genro como a uma batalha de cuja vitória está certa. A frase “Tinha certeza de que venceria” se repete ao longo do conto. Doran, em contrapartida, está derrotado. Enquanto tenta barbear-se lembra da confissão ao padre na noite anterior e a sensação de culpa era tamanha que ele quase agradece “a chance de poder reparar a falta” (idem, p. 61), ou seja, casar. Alusão do narrador à manutenção das convenções sociais como se fossem obrigações ou castigos.

Algumas vezes a violência, na literatura como na vida, é motivada por atos de honra e/ou de ambição, como em *A casa de pensão*, que condensa as duas motivações. Estudioso das aparições de violência na literatura, Jaime Ginzburg explica que algumas vezes essa força se expressa de forma indireta. “A força destrutiva voltada sobre o outro pode manifestar-se não de modo dirigido, mas intransitivo. Como uma associação de ideias sem controle, que não exige nenhuma antecipação explicativa” (2012, p. 6).

O conto mais emblemático de *Dublinenses* sob o ponto de vista de questões sobre violência é *Partes Complementares*, em que passamos um dia acompanhando a vida do escriturário Farrington. A menção à falta de harmonia no ambiente de trabalho do protagonista acontece já na primeira oração do conto: “A campanha soou com fúria...” (Joyce, 2012, p. 81). O que se segue é um diálogo impaciente entre ele e o chefe, que o imita e o ameaça de levar queixas ao superior. Quando o chefe abaixa a cabeça sobre a pilha de papéis na mesa, Farrington tem vontade de extravasar toda sua frustração com um ato de violência física, que não chega a se concretizar: “o homem fixou o olhar no crânio polido que dirigia a Crosbie & Alleyne, avaliando a fragilidade do material. Um espasmo de raiva o aferrou pela garganta por alguns momentos e depois passou...” (idem, p.81).

Sentindo-se pressionado no trabalho, o funcionário tem vontade de falar insultos em voz alta e esmurrar alguma coisa. Sua indignação era não só pelos acontecimentos do dia, repleto de frustrações, ofensas e pelo *deadline* apertado, mas pela falta de dinheiro e por todas as decepções em sua vida: “Sentia-se forte o bastante para esvaziar o escritório com uma só mão. O corpo ansiava por fazer alguma coisa, por sair correndo e esbaldar-se em violência. Todas indignidades da vida o enfureciam... [...] O barômetro de sua natureza emocional indicava a proximidade da arruaça” (p. 85). A falta de paciência também está presente na conduta do chefe para com os empregados, o que colabora para o clima pesado no escritório e aumenta o estresse de Farrington: “O sr. Alleyne disparou uma saraivada de ofensas [...] A saraivada continuou: era tão amarga e violenta que o

homem mal conseguiu resistir à tentação de descer o punho na cabeça do pingo de gente que tinha diante de si” (p. 85).

Como válvula de escape ao ambiente de trabalho hostil, Farrington recorre a “escapadelas” a um *pub* próximo, onde bebe com pressa para voltar ao escritório. Um comentário do secretário-chefe informa o leitor de que já foram cinco “sumiços” naquele dia. O álcool lhe deixara suficientemente audacioso para responder de forma impertinente a uma provocação do chefe, com quem nunca se deu muito bem. Os dois haviam se desacertado desde o dia em que o Sr. Alleyne o ouviu imitando o sotaque do norte da Irlanda. À saída do emprego, o protagonista só quer se refugiar no ambiente festivo de uma taverna com os amigos, mas uma preocupação toma então seu pensamento: estava sem dinheiro e precisava conseguir algum emprestado. Acaba por penhorar o relógio e dirigi-se confiante a um bar, onde revive as cenas do trabalho numa animada narrativa aos companheiros, enquanto paga bebidas a eles.

Nesse fragmento do conto, o narrador faz referência a “pivetes esfarrapados” que vendiam os jornais vespertinos na rua e à hospitalidade irlandesa de pagar uma rodada aos amigos em um *pub*. O fato de os vendedores de jornal nas ruas dublinenses estarem esfarrapados e serem jovens aponta para uma crise econômica irlandesa que forçava as famílias a ter no trabalho dos filhos um complemento à renda. Fica nítido aqui o grau de diferenciação de desenvolvimento da cidade cenário dos contos de *Dublinenses* em relação ao ambiente prioritariamente rural que é cenário das narrativas em *Contos Gauchescos*, onde a disseminação de informações no interior do Estado se dá preponderantemente de forma oral, como exemplifica o conto *O mate do João Cardoso*, em que um estancieiro “incita” os cavaleiros que passam pelo local a se demorar um pouco mais contando as novidades com a promessa de servir-lhes um chimarrão, que nunca vem (a erva havia terminado). E ao invés de *pubs* e de um comércio bem estruturado, os que as cidades em formação no Rio Grande contavam à época do desenrolar das tramas de *Contos Gauchescos* é com “bolichos”, armazéns onde se

vende de tudo e não são especificamente ambientes para socialização, a exemplo do conto *Deve um queijo*, que mencionaremos novamente a seguir.

Para o protagonista de *Partes Complementares*, a noite que começara animada termina por ser mais uma frustração. Tendo pago muitas rodadas de bebidas para os amigos, Farrington gasta o dinheiro que conseguira com o penhor do relógio, atribui à falta de dinheiro o final malsucedido de um flerte com uma mulher exótica em um dos bares e perde numa luta de braço enquanto media forças com Weathers, um estrangeiro mais jovem considerado pelo protagonista um “parasita”. Não é especificado pelo narrador de onde o garoto é, mas sabe-se que não é irlandês. Há também, por parte de Farrington, certa intolerância ao sotaque do norte do país do chefe.

Guardada a proporção, como o estilo e os contextos diferenciados vividos pelos dois escritores, essa aversão ao que não é local também está presente em *Contos Gauchescos*, por exemplo, em *Melancia-Coco Verde* e *Deve um queijo*. No primeiro, o narrador sugere que o forasteiro não compartilharia da bravura dos gaúchos e seria arredio aos seus hábitos, como a facilidade em lidar com cavalos e a alimentação baseada em carne vermelha: “Esse tal era um ilhéu, mui comedor de verduras, e que para montar a cavalo havia de ser em petição e isso mesmo o petição havia de ser podre de manso...” (Lopes Neto, 2001, p. 91). Já no segundo, quem provoca uma situação de conflito em uma “venda” de beira de estrada é um castelhano, que exige de um recém-chegado que pague um queijo: “Antes que o cumprimentado falasse, o castelhano intrometeu-se: -Ah, és usted de Canguçu?... Entonces... Debe um queso!...” (p. 53). E foi então que o gaúcho cobrado pagou a iguaria e fez com que o castelhano comesse todo o queijo, até passar mal, mas não sem antes deflagrar-lhe uma surra de facão:

No mesmo sofagrante, de plancha, duro e chato, o velho Lessa derrubou-lhe o facão entre as orelhas, pelas costelas, pelas paletas, pela barriga, pelas ventas... seguido e miúdo, como quem empapa d'água um couro

lanudo. E com essa sumanta levou-o sobre o mesmo surrão de erva, pôs-lhe nos joelhos o prato com o resto do queijo e gritou-lhe nos ouvidos: - Come!... (LOPES NETO, 2001, p. 55)

Remetendo-nos mais uma vez ao conto *Partes Complementares*, a irritação e a frustração do personagem central são bem delineadas pelo narrador. Enquanto espera o bonde que o levará para casa, lugar para onde “detestava voltar”, Farrington está mal-humorado e “cheio de um borbulhante sentimento de raiva e de vingança” (Joyce, 2012, p. 91). Talvez refletisse que o grande vilão de sua história naquele dia, quem realmente o prejudicou, tenha sido ele mesmo. Foram a sua lentidão e negligência no trabalho, bem como sua inclinação a beber durante o expediente, que facilitaram uma relação de animosidade e falta de respeito do chefe para com ele. E assim também se deu no bar. A prática amistosa de pagar bebidas aos amigos fez com que ficasse sem dinheiro e não garantiu seu prestígio entre os companheiros. Cada ação de Farrington naquele dia colaborou para aumentar sua decadência enquanto ser humano e agravar seus problemas pessoais. “Começou a praguejar contra tudo. Tinha acabado consigo mesmo no escritório, penhorado o relógio e gasto todo o dinheiro; e nem ao menos tinha conseguido ficar bêbado” (idem, p. 91).

Do *Dicionário de Política* (2008), temos a conceituação de violência como “a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo)” (p. 1291-1292). O auge da raiva de Farrington e a explosão da violência que contivera ao longo daquele dia culminam com o desfecho do conto, quando ele chega em casa. Irritado com todos os problemas que trazia e percebendo a ausência da mulher, que estava na capela, espanca um dos cinco filhos porque este havia deixado o fogo se apagar. Finalmente diante de alguém submisso e frente à nova frustração, ele parte para a agressão física, que só servirá para aumentar seu estado de culpa e melancolia. Ginzburg ressalta que “a ideia de violência ganha uma configuração muito peculiar quando aproximada do conceito de melancolia” (2012, p. 11). A impaciência do protagonista aumenta com a

constatação de que a esposa encontrava-se na capela àquela hora da noite. A criança, apavorada pela iminência do castigo injusto, junta as mãos em oração e recorre à influência da religião para tentar convencer o pai a não lhe machucar: “Não me bata, pai! Eu prometo... Eu prometo que vou rezar uma Ave-Maria para o senhor... Eu vou rezar uma Ave-Maria para o senhor, pai, se o senhor não me bater...” (Joyce, 2012, p. 93).

A frase da criança foi “pega emprestada” por Joyce de um diário de Stanislaus, o irmão que mais conviveu com ele. Os dois presenciaram cenas aterrorizantes da violência paterna, que só não atingia James porque este já se tornara um boêmio como o pai e fazia par com ele na “vida libertina”. O’Brien resgata os relatos de um John Joyce que “pegava a primeira coisa à mão, um atizador, um prato, uma xícara, e jogava em qualquer dos filhos que provocasse raiva” (2001, p. 35). E acrescenta que “a brutalidade que lhes infligia provavelmente não era em absoluto muito diferente da que sofriam outras famílias de Dublin com uma crônica falta de dinheiro e um monte de filhos” (idem).

Assim como no conto *Eveline*, o filho de Farrington, de *Partes Complementares*, personagem dessa cidade que vive fortemente a influência da igreja católica e da família, apela para o mundo espiritual quando se encontra diante de um impasse. Percebe-se aqui uma crítica do narrador, e possivelmente uma crítica pessoal de Joyce à ingenuidade do cidadão irlandês subjugado pelas normas de conduta da igreja.

Tanto em *Contos Gauchescos* como no caso do personagem Farrington, pode-se suspeitar de que a violência fosse parte constituinte do caráter dos protagonistas. No entanto, as explosões de ira fazem parte de uma tradição da cultura gaúcha, em que o homem não seria dado a ponderações e gentilezas e teria pouca paciência para argumentações, resolvendo suas pendências à base de duelos. Por outro lado, na sociedade que é palco dos contos de Joyce, a violência estaria intimamente relacionada à opressão social e moral atribuída a dois fatores:

a influência da igreja católica na organização social e ao alcoolismo, ambos contribuindo para a derrocada econômica em que o país europeu se viu mergulhado tantas vezes. Mas a filósofa Hannah Arendt refuta a possibilidade de a violência ser inerente à condição humana, animalesca ou irracional:

Dizer que a violência origina-se do ódio é usar um lugar-comum, e o ódio pode certamente ser irracional e patológico, da mesma maneira que o podem ser todas as demais paixões humanas. [...] O ódio não é de forma alguma uma reação automática à miséria e ao sofrimento como tais... [...] Somente onde houver razão para suspeitar que as condições poderiam ser mudadas e não o são é que surgirá o ódio. Somente onde o nosso senso de justiça foi ofendido é que reagiremos com ódio, e essa reação não refletirá de maneira alguma um dano pessoal [...]. (ARENDR, 1985, p.26)

A exemplo do que acontece com a criança de *Partes Complementares*, em *Eveline* temos mostra do quanto os indivíduos eram vítimas do contexto social em que estavam inseridos os moradores da Dublin de final do século XIX. A protagonista, cansada da vida monótona, depara-se com a possibilidade de mudança, de viver um romance em país estrangeiro e construir seu lar, mas está presa à promessa feita à mãe de cuidar da casa depois de sua morte e constata que o pai, envelhecido, embora nem sempre fosse bom para ela, sentiria sua falta. Enquanto se prepara para deixar a casa e ir ao encontro de Frank pegar o barco noturno que os levaria a Buenos Aires, tem uma visão triste da vida de sacrifícios cotidianos que levaram a mãe à loucura e teme que esse fosse também o seu fim. Impulsionada por esses pensamentos, vai ao encontro do namorado, com quem seu vínculo era mais o de esperança de mudança e de fuga do que laços de afeto. Mas falta-lhe coragem de romper a zona de conforto da vida cotidiana e recorre a uma oração para tomar uma decisão acertada. “Sentiu o rosto pálido e frio e, em um labirinto de sofrimento, rezou a Deus para que a guiasse, para que indicasse o caminho do dever” (Joyce, 2012, p.36). A lembrança da religião, o voltar-se para sua fé, faz com que a dúvida de se deveria partir aumente e Eveline abandona sua chance de mudança. O caminho do dever “indicado” pela oração foi o da renúncia.

A moça fica paralisada, sem conseguir esboçar ao namorado que a chama nem mesmo um olhar de despedida. Ela se sente física e moralmente impedida de avançar para o futuro desejado.

Eveline apresenta uma tendência a se reportar ao passado nesse momento da iminência da ruptura e acessa dois passados distintos. O mais remoto, de quando era criança e lembra um piquenique com a família, lhe traz conforto, mas se assemelha a um sonho irreal. O passado mais recente, da doença e perda da mãe, do crescimento das dificuldades financeiras em casa, da ausência de perspectiva de viver a felicidade plena no ambiente que lhe cerca, é aterrorizante e revela-se como um prelúdio do que será seu futuro. A referência ao que virá, no entanto, é incerta. No trecho em que pondera sobre como seria sua vida de casada em país distante, o narrador nos fornece pistas de que não há possibilidade desse futuro se concretizar. Considerando o tempo verbal utilizado em primeira pessoa pela protagonista – futuro do pretérito – sabemos que nem mesmo em pensamento ela acreditava em uma mudança para seu destino, pois pensa no futuro a partir de um fluxo temporal hipotético, com a construção de suposições, nunca de certezas.

Mas na nova casa, em um país distante e desconhecido, não seria assim. Lá ela estaria casada – ela, Eveline. As pessoas haveriam de tratá-la com respeito. Não seria tratada como a mãe havia sido. Mesmo agora, com mais de dezenove anos, às vezes sentia-se vulnerável à violência do pai. [...] Quando estavam crescendo o pai nunca tinha batido nela como fazia com Harry e Ernest porque era uma garota; mas nos últimos tempos havia começado a fazer ameaças. (JOYCE, 2012, p.33)

1. Considerações finais

A partir de uma breve retomada do passado histórico dos cenários de *Contos Gauchescos* e *Dublinenses*, investigamos sua influência para o surgimento da violência nesses dois sistemas literários e verificamos que ela se manifesta de forma diferenciada nas duas obras. Na primeira, faz parte da bravura constituinte da personalidade do povo e explode em manifestações de barbárie emolduradas pela

banalidade de tradições culturais. Na segunda, está latente na rotina do cidadão descontente e oprimido pelo poder de uma igreja autoritária, esperando um momento oportuno para irromper. Mas nas duas obras a violência mantém relação com o contexto histórico das localidades onde se passa a ação. “A violência é construída no tempo e no espaço. Suas configurações estéticas estão articuladas com processos históricos” (Ginzburg, 2012, p. 35).

Certos eventos ocorridos na vida pessoal dos escritores e a influência destes em suas escrituras, como bem apontam algumas das biografias consultadas, foram pertinentes para o desenvolvimento deste estudo. Podemos citar, por exemplo, a idade de cada escritor ao desenvolverem suas narrativas; o fato de encontrarem-se à distância do espaço geográfico que se torna o ponto de partida de seus textos, entre outros aspectos. A guisa de conclusão, citaremos alguns desses fatos.

Contos Gauchescos foi publicado quando Lopes Neto tinha 47 anos. Ele havia morado no Rio de Janeiro durante a adolescência e parte da vida adulta, enquanto era estudante de Medicina. Contato com a vida campeira teve somente até os 13 anos, tendo tornado-se depois uma pessoa urbana e desempenhado funções de jornalista, redator e editor de jornais em sua cidade natal, Pelotas, onde desenvolveu também uma marcante atuação cultural. *Contos Gauchescos* foi seu primeiro livro, mas já havia escrito diversas peças teatrais e pelo menos uma opereta (*Viúva Pitorra*, 1898). Ou seja, quando escreve sobre os “causos” de ambientação rural, Lopes Neto estava afastado desse ambiente há mais de três décadas. Sua análise crítica do gaúcho campeiro foi redigida com a maturidade de quem conhecia bem a realidade narrada, mas que também conhecia cenários diversos. Quando critica o abandono do sul do Brasil pela monarquia portuguesa no século XIX, em *Contrabandista*, por exemplo, o escritor fala do monopólio de comércio de certos produtos e da sobretaxa de impostos em outros. Filho e neto de estancieiros que haviam sido comerciantes de charque, Simões conhecia bem o assunto e o drama pelo qual o Rio Grande passou nesse sentido. Amadurecido, o

que Simões narra ao longo dos dezenove contos é mais um relato de costumes e a reprodução de “causos de galpão” do que uma crítica contundente.

James Joyce, assim como Simões, estava afastado de sua terra natal quando publica *Dublinenses*. Ele sofreu pela dificuldade que foi encontrar uma editora que aceitasse publicar a obra, chegando a pensar que não conseguiria fazê-lo, e ainda por ter recebido críticas severas, tanto de amigos quanto do próprio pai, sobre o conteúdo das tramas, que “difamariam” Dublin. O escritor saiu da Irlanda aos 21, tendo dirigido-se à França, também com o intuito de estudar Medicina. Assim como o contista gaúcho, acabou não concluindo o curso. O escritor irlandês, porém, estava afastado do cenário sobre o qual escreve há pouco tempo, estando ainda muito jovem. Ele passava, na época, por um período de relações cortadas com a família e mágoa pelo que vira a sociedade dublinense se tornar: assistira a um declínio social associado à derrocada financeira pela qual passara seu pai, levando ele, a mãe e os muitos irmãos à miséria. Quando escreve os contos, sua crítica é influenciada pelo sentimento de desgosto quanto ao que lhe desagradava naquele ambiente. O'Brien aponta que Joyce escreveu “fiel a sua secreta convicção de que ‘violência e desejo são o campo da literatura’” (2001, p.64).

A presença do espaço onde cada um nasceu é recorrente não só nos livros de contos analisados neste trabalho, como também no conjunto de suas obras. Os dois foram geniais na forma como encadearam as narrativas e compuseram coletâneas de contos que podem ser lidos tanto isoladamente, quanto como complementares e dialogando entre si. Lopes Neto conseguiu esse efeito a partir da utilização de Blau Nunes, que aparece como narrador e/ou personagem ao longo do livro e “costura” todos os contos. É como se fosse um livro sobre uma lembrança do velho Blau, que lembra episódios vivenciados por ele na juventude e de outros dos quais ouviu contar pelos protagonistas, em uma conversa com um interlocutor que pode ser o próprio leitor. Joyce, por sua vez, organiza os contos representando a ordem cronológica de uma pessoa que passa pela perda da inocência na infância, os dramas e angústias da juventude e caminha em direção a

um entendimento com seu eu na vida adulta, como as constatações sobre si pelas quais passa Gabriel, protagonista de *Os Mortos*. Essa pessoa que amadurece ao longo de *Dublinenses* é alguém comum, um típico cidadão da capital da Irlanda, mas também é alguém que mais do que falar sobre uma história de vida individual ou do drama protagonizado em cada conto, personifica um espaço em determinada época e fala do declínio econômico e moral de uma cidade subjugada pelas normas do catolicismo.

As diferenças entre as duas obras permitem avaliarmos os contrastantes graus de desenvolvimento urbano, social, de costumes entre as sociedades gaúcha e irlandesa, em um mesmo período de tempo, a segunda metade do século XIX, a partir da análise dos contos de dois expoentes dessas regiões que se tornaram conhecidos para além das fronteiras do espaço físico que representam. A partir de conflitos locais, falaram de dramas universais, cada um a seu modo. A comparatista Tania Carvalhal considerava esse diálogo do literário com o conhecimento histórico e reconhecia a pertinência do estudo comparado das diferenças nas investigações acerca da realidade social que orientou nosso estudo:

[...] o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por “um ar de parença” entre elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparativista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente. (CARVALHAL, 1992, p. 86)

Apesar de cada escritor debruçar-se sobre questões particulares a uma região, e situarem-se geograficamente distantes, não parece impossível realizar um cotejo entre *alguns contos* de Simões Lopes Neto e James Joyce. Considerando as diferenças socioculturais e estilísticas peculiares a cada autor, vimos que a tônica de cada narrativa é a representação de sua gente, de um determinado espaço, dos hábitos, das relações interpessoais, dos códigos culturais que interditam e limitam

suas ações. Se por um lado, Simões concede voz à gente do Rio Grande do Sul, são os habitantes de Dublin que transitam no universo ficcional de Joyce. As descrições por vezes alegres, impregnadas de vitalidade que caracterizam algumas das personagens de cada escritor, por outras vezes dão espaço para descrições bizarras, para as dores e mágoas de personagens que se tornam mais humanos, mais verossímeis aos olhos do leitor. A violência, como mencionado, caracteriza o espaço tanto das personagens simonianas como das joyceanas, e é um aspecto dramático interligado à vida em comunidade, ou a eventos históricos traumáticos que assumem uma dimensão fora do controle individual.

O olhar dinâmico que se procurou estabelecer aqui merece uma investigação mais aprofundada que, talvez, permita descobrir outros traços de complementaridade e divergência entre as narrativas selecionadas como objeto de pesquisa. Esta aproximação possibilitou não apenas o surgimento de uma leitura diferenciada como, sobretudo, reiterou o vínculo entre Literatura, Cultura e História e a certeza de que, através do universo literário, tanto escritores como leitores procuram falar e compreender suas experiências. Simões e Joyce desnudam uma forma de pensar a sociedade, cada um através de sua subjetividade, oferecendo ao leitor a possibilidade de construir uma rede de sentidos e nexos. Mesmo sabedores de que a literatura é o lugar do incerto e da dúvida, “é no ato da escrita e da leitura que o ser humano e o universo renascem” (Josef, 1999, p.14).

Referências

ARENDDT, Hannah. *Da Violência*. Trad. Maria Claudia Drummond, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1992.

CARVALHAL, T. F. e COUTINHO, E. (Orgs.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores Associados, 2012.

JOYCE, James. *Dublinenses*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

JOSEF, Bella. *Diálogos Oblíquos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1999.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

O'BRIEN, Edna. *James Joyce*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ROBBIO, Norberto; MATTENCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*, 13ª edição, Brasília: Editora UnB, Vol. 1, 2008.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *A literatura comparada neste admirável mundo novo*. Revista Brasileira de Literatura Comparada nº 11, p. 11-33. São Paulo, 2007.

UMBACH, Rosani Ketzer; CALEGARI; OURIQUE. *Violência e memória na produção cultural – o autoritarismo na Alemanha e no Brasil*. Santa Maria: Editora PPGL, 2012.

VERISSIMO, Erico. *O Continente I*. São Paulo: Globo, 1994.